



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB) DEPARTAMENTO DE
EDUCAÇÃO (DEDC) CAMPUS XIII COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA**

**ABOIOS DOS VAQUEIROS DO IGUAPE: FERRAMENTA DE TRABALHO E
MÚSICA DE ENTRETENIMENTO**

Cristina Lima Bispo¹

Resumo: Este artigo reflete sobre o aboio, uma ferramenta de trabalho, um canto entoado pelos vaqueiros do Iguape, pertencente ao Município de Boa Vista do Tupim na Chapa Diamantina no Estado da Bahia, na década de 2010. O intuito é tirar da invisibilidade o patrimônio imaterial regional guardado na memória destes atores sociais, buscamos saber suas características, os temas tratados em suas letras, a sua origem, as mudanças e permanências no seu percurso de evolução. Temos como hipótese a transformação do referido canto para além de sua utilidade na lida com o gado, entendemos que o mesmo, tornou-se um elo cultural entre os vaqueiros e a sociedade. Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizamos como metodologia o estudo de caso, através de entrevistas semiestruturadas, diálogos com os protagonistas sociais, observações in loco e revisão bibliográfica. Desta forma nos apropriamos de diversos saberes a respeito do uso do aboio pelo vaqueiro.

Palavras-Chave: Aboio. Povoado do Iguape. Vaqueiro. Trabalho.

Abstract: This article reflects on the aboio, a work tool, a song sung by the cowboys of Iguape, belonging to the Municipality of Boa Vista do Tupim in Chapa Diamantina in the State of Bahia, in the 2010s. regional stored in the memory of these social actors. We seek to know its characteristics, the themes addressed in its lyrics, its origin, its changes and permanencies in its path of evolution. We hypothesize the transformation of that song beyond its usefulness in dealing with cattle, we understand that it has become a cultural link between the cowboys and society. For the development of this research we used as a methodology the case study through semi-structured interviews, dialogues with the social protagonists, observations in loco and bibliographic review. In this way, we appropriated different knowledge about the use of the aboio by the cowboy.

Keywords: Aboio. Povoado do Iguape. Cowboys. Work

Introdução

Este estudo busca analisar o aboio na dimensão social e cultural dos vaqueiros, que vivem e trabalham em fazendas de gado no entorno do povoado do Iguape, município de Boa Vista do Tupim¹ na Chapada Diamantina no estado da Bahia, tendo como recorte temporal a década de 2010 a 2020, sendo os vaqueiros os protagonistas da pesquisa. Este estudo é do tipo qualitativo, visto que demanda a compreensão das memórias dos personagens em questão, com foco de interpretação de dados, dando sentido aos elementos e fenômenos de todo o contexto pesquisado, destacando a sua importância sócio cultural na vida do aboiador desta região tendo como fontes, as narrativas orais dos vaqueiros de Iguape, através da História oral e revisão bibliográfica de autores que trabalham temas correlatos.

A utilização da história oral como metodologia de trabalho, permite a realização de entrevistas e diálogos com atores sociais, em condições de narrar a respeito de fatos sócio/históricos, observando os mais diversos aspectos. Para tanto, todas as entrevistas foram gravadas e transcrita conforme poderemos observar mais adiante.

Tentaremos perceber os aspectos socioculturais através das narrativas tecidas pelos vaqueiros das Fazendas Nova Reunida, Boa Esperança, Eldorada e Santo Antônio, situadas no entorno do povoado do Iguape. A pesquisa que deu origem a este artigo está fundamentada em narrativas orais de quatro vaqueiros: o senhor Geovazio Conceição Bispo, vaqueiro residente na fazenda Nova Vida Reunida, José Alvino de Oliveira morador da Fazenda Santo Antônio, João Barbosa da Silva que residente na fazenda Eldorada e Hernandes Lima Bispo morador da fazenda Boa Esperança.

O aboio surge como objeto de estudo acadêmico no texto publicado na Revista História Econômica do Brasil (1972). O tema em questão aparece através da narrativa da atividade sertaneja denominada de “festa de apartação do gado”.

No Dicionário do Folclore Brasileiro, o aboio aparece numa perspectiva de se buscar as origens e influências desse canto utilizado como ferramenta de trabalho na lida com o gado. Vale ressaltar, que segundo o dicionário, no verbete que o define, Câmara Cascudo traz uma abordagem que sinaliza a atividade como sendo um “canto

¹ A Chapada Diamantina é uma região de elevações, protegida na categoria de parque nacional, situada no centro do estado da Bahia, onde nascem quase todos os rios das bacias do Paraguaçu, do Jacuípe e do Rio de Contas. A microrregião é composta por 24 municípios e entre eles encontra-se Boa Vista do Tupim, Município ao qual pertence o povoado do Iguape, a vegetação da região é exuberante, composta de espécies da caatinga semiárida e da flora serrana, com destaque para as bromélias, orquídeas e sempre-vivas.

sem palavras, marcado exclusivamente sem vogais, entoado pelos vaqueiros quando conduzem o gado” (CASCUDO, 2012, p.3).

Todavia, o historiador Câmara Cascudo (1984) só encontra a existência de registros sobre os aboios a partir do século XVII, o que no nosso ponto de vista não invalida a possibilidade levantada por Gomes (1980), quando nos diz que o aboio surgiu juntamente com a atividade pastoril, nos afirmando que diversos historiadores se debruçaram sobre este objeto de estudo, entre eles podemos citar: João Capistrano de Abreu com sua obra *Capítulos de história colonial: 1500 – 1800, Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil* (2004), Eurico Alves Boaventura em seu trabalho *Fidalgos e Vaqueiros*.

(1989) e a obra *A imagem Cantada: aboio e Cantigas*(1954), de Humberto Mauro.

Nesse contexto, Câmara Cascudo (2012) relata que os vaqueiros no Sertão “Jamais cantam versos, tangendo gado” e que,

O aboio não é um divertimento. É coisa séria, ancestralíssima, estimada. Aboia-se no mato, para guiar a quem se busca. Aboia-se assentado no Morrão da Cancela, vendo o gado adentrar. Aboia-se conduzindo o boiadeiro nas estradas, tarde ou manhã [...] aboiar para vaca de leite não é aboio para um vaqueiro que se preze e tenha vergonha nas ventas (CASCUDO, 2012, p.3).

Mário de Andrade (1965), no entanto, não se refere ao aboio como um mero canto no âmbito de trabalho no campo e sim numa perspectiva musical, no qual os vaqueiros refletem os seus anseios, por meio das toadas a partir de seus sentimentos com gritos, ao mesmo tempo que tem por objetivo acalmar e chamar o gado. O enfoque temático em relação aos vaqueiros do povoado do Iguape, se dará em torno de uma questão ainda não estudada na respectiva região, que é a prática de aboiar. Esta atividade faz parte da performance profissional e social do vaqueiro, dentro de uma perspectiva de caráter efetivo, este trabalho busca tirar da indivisibilidade estes personagens.

Em nossa perspectiva, as atuais vivências dos Vaqueiros são influenciadas pelas experiências dos seus antepassados, que definem assim, sua herança cultural de acordo com suas ações, logo, toda a articulação particular será construída para legitimar essa narrativa musical que resulta na comunicação no âmbito de trabalho no campo numa perspectiva musical, no qual os vaqueiros refletem os seus anseios, por meio das toadas

a partir de seus sentimentos com gritos, ao mesmo tempo que tem por objetivo acalmar e chamar o gado. Em síntese, ao pesquisarmos sobre o cotidiano do vaqueiro, mais especificamente, o vaqueiro no povoado do Iguape, tendo em vista a compreensão do cotidiano daqueles sujeitos e os arranjos sociais acerca da prática cultural do aboiar, que é o foco principal desse estudo, trazemos à baila a importância social e cultural dos vaqueiros e suas práticas para a História do sertão do Paraguaçu.

Atreladas à representação dos vaqueiros estão práticas culturais que sofrem modificações com o passar dos anos, ainda que por costume, sejam transmitidas de forma oral de pai para filho na região do Iguape. A identidade do vaqueiro se diferencia dos demais trabalhadores do campo, exigindo conhecimentos específicos como por exemplo o entendimento do comportamento do gado, a identificação de suas necessidades e as providências a serem tomadas para o cuidado com o gado.

No vaqueiro, subjazem também aspectos como liderança e especialização laboral, com capacidade para lidar com os animais de médio e grande porte, e com agressividade latente. Esta característica é também uma construção histórica, na medida em que o vaqueiro, o “boiadeiro” antigo, era o sujeito responsável por tanger grandes boiadas em nome de latifundiários e sesmeiros desde o início da colonização brasileira (LOPES, 2009).

O vaqueiro conhece todos os manejos do gado, acompanha suas criações através dos rastros, seguindo em direção a seus esconderijos; ele que é o responsável da fazenda por construir poços para a bebida do gado, implantar currais, amansar o gado bravo e enfrentar as doenças que infestam o rebanho. João Capistrano de Abreu (1988) corrobora, com o que foi dito por nós, em seu livro *Capítulos da História Colonial (1998)*, acrescentando que além das tarefas que foram descritas acima, o vaqueiro está no pasto antes do sol nascer buscando encontrar os locais de malhada do gado, ou seja, o local onde o gado ruma, observando as vacas que estão próximas a parir, independente da estação do ano, inverno ou verão, chuva ou tempo firme, vigia e elimina “onças, cobras e morcegos” (ABREU, 1988, p. 135).

Todavia sua primeira atividade é a retirada do leite das vacas paridas, que foram colocadas no curral no dia anterior por intermédio de um aboio de chamamento monossilábico, assim sendo, por volta das 05h da manhã o vaqueiro já se encontra no curral, liberando os bezerros do tronco, animais estes que já inicia a entender a linguagem do líder através do aboio.

Uúúúúúúúúú...
Êhaêhaêhaêha"...
Ôia ôia ôia ôia ôia...
Hôihôhhhhhhh...
Vaaaai vaaai vaca. (José Alvino de Oliveira, 2021)

Tal tarefa da retirada do leite pode ser observada por nós na fazenda Alto Bonito quando o vaqueiro Sr. José Alvino de Oliveira - zé vaqueiro ao concluir a sua tarefa inicial do dia de trabalho, entoou o canto acima. Um aboio monossilábico e melancólico que fez as vacas saírem do curral em direção ao pasto, foi como se os animais recebessem e acatassem uma ordem. Para nossa análise acerca dos aboios de Iguape, recorreremos a entrevistas com os vaqueiros do lugar, em conexão com a bibliografia existente sobre o tema. Buscamos aqui entender os tipos de aboios usados no Iguape. Existem letras ou são apenas melodias? No caso dos aboios com letras e melodias, do que tratam? Há uma narrativa através dos aboios?

Entendemos que enquanto um elemento das tradições culturais do sertão do Iguape, os aboios estão ligados a uma memória histórica e afetiva, que interferem em suas performances sociais e em suas sociabilidades. Os sujeitos desta pesquisa fazem parte do círculo social do Sr. Geovazio Conceição Bispo, homem de 62 anos, vaqueiro experiente, homem de aparência rude, de pouca conversa, porém extremamente sensível que trata os animais com respeito e que não come carne bovina. São eles, o Sr. Hernandez Lima Bispo de 30 anos, José Alvino de Oliveira de 66 anos, João Barbosa da Silva de 89 anos aposentado, apelidado de João Cigano.

É importante ratificar que todas as entrevistas com os vaqueiros foram feitas de forma presencial, gravadas no ambiente residencial de cada um deles, tornando o trabalho de campo parte fundamental desta pesquisa. As falas são nostálgicas e apresentam uma visão idílica do cotidiano no trato com as boiadas. Observamos isto através da maneira orgulhosa de se referir a seu ofício no passado, quanto instados a estabelecer comparações com as mudanças culturais que o presente impôs ao vaquejar.²

Nesse sentido a História oral enquanto método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram e, ou testemunharam fenômenos, conjunturas, perspectivas de mundo e reflexão sobre o objeto estudado, foi fundamental para este trabalho. Abre a possibilidade de acessar para novos saberes, utilizando fragmentos extraídos das lembranças das vivências de narradores, operando

² verbo transitivo [Brasil: Nordeste] Reunir o gado que se acha espalhado na fazenda.

por intermédios dos diálogos, entrevistas, observações e/ou visitas as pessoas e localidades que trazem consigo aspectos relevantes para a construção da Historiografia (ALBERTI, 2021).

1. Aboio: tipos e significados.

Observando o vaqueiro Geovazio em seu trabalho com gado na fazenda Nova Vida Reunida, localizada no entorno do povoado de Iguape, pudemos ouvi-lo aboiar um canto monossilábico a procura de um determinado animal, com o objetivo de colocá-lo no curral no final do dia: - ôhômômômô vaquinha ôhômômômô ! O animal por sua vez, indicava sua localização através do mugido. Esta relação de entendimento entre o vaqueiro e os animais sob seus cuidados já foi destacada por Ana Lygia dos Santos no artigo *Pela longa Estrada, Eu Vou. Estrada Eu Sou”: A Canção de Aboio na Cultura Popular e na Literatura Roseana (2012)*, quando afirma que as vacas “até berram quando você solta o aboio”, reafirmando que o aboio é “um elo entre o homem e o animal” (Santos, 2012, p.07). Assim sendo, percebemos que o aboio pode ser entendido pelo gado como um chamado ou um indicativo do caminho a ser seguido. Segundo Santos a depender da melodia, pode ser um chamado para atividades específicas como a ordenha, a alimentação, o pastoreio, ou até o descanso nos currais.

Para Mario de Andrade, o Vaqueiro quando conduz o seu gado entoa o aboio, nas palavras do autor “um arabesco” sem estrofes e sem pronunciamento de palavras, ou seja, na sua visão não existe uma letra para o aboio, apenas expressões desconexas como: “boi êh boi, boiato” (ANDRADE, 1987, p.1). Em nossa compreensão esta descrição de Andrade refere-se aos aboios chamados “primitivos” que não continham as vivências dos vaqueiros, é o que posteriormente titularemos de aboios de “trabalho” ou “condução”. Já Cascudo ampliando a discussão acerca dos aboios afirmando que estes podem utilizar “quadra e a sextilha de versos de setessilábicos” (Cascudo, (1985). Partindo deste pressuposto entendemos o aboio com letras, que trazem mensagens e vivências como um diálogo vaqueiro/vaqueiro e ou vaqueiro/sociedade. Seguindo a lógica dos autores acima e os depoimentos dos nossos entrevistados concluimos que o gado tem condição de compreender que o aboio é um código linguístico dirigido a ele, ou seja, o gado obedece aos comandos do aboio como se o mesmo, fosse um animal adestrado.

Durante o trabalho de campo desta pesquisa, junto aos vaqueiros, podemos observar que ao iniciar sua lida pouco antes do amanhecer, por volta das 4h 30, tendo como primeira tarefa a ordenha, o vaqueiro entoia o aboio para que a vaca e sua cria se posicionem no local determinado pelo trabalhador para que a tarefa seja executada. Assim, acreditamos que o aboio sem versos se refere ao de condução ou aboio de trabalho e, o aboio com versos é de outra natureza, visto que é cantado à capela, ou seja, sem instrumentos, nos encontros sociais dos vaqueiros, em suas celebrações, festas e reuniões de família.

Analisando as narrativas dos nossos entrevistados, todos do sexo masculino e moradores do entorno do povoado do Iguape, observamos que a figura do vaqueiro é objeto de diversas manifestações culturais e entretenimentos como as Cavalgadas, Pega de boi, vaquejadas entre outros.³ A Cavalgada, por exemplo, é um momento de lazer e diversão para o vaqueiro, juntamente com aqueles que fazem parte do seu grupo social, inclusive crianças e idosos, além de amigos e demais parentes. Daniele Luciano Santos (2018, pg. 28) diz que “as cavalgadas podem ser compreendidas como festa popular e como evento político”.

Figura 1



Fonte: <https://www.google.com/search?q=CAVALGADA+da+caatinga&tbn>

³ Maria Daiane da Silva³ (2018) descreve a vaquejada como uma ação que envolve dois vaqueiros montados um tem a função de tanger o boi para frente do outro que o segura pelo rabo e o derruba dentro de uma faixa desenhada no solo. A pega de boi é a forma tradicional de aparte do gado na caatinga (<https://www.filhosdaterra.org/post/2016/05/16/a-tradi%C3%A7%C3%A3o-da-pega-de-boi>). Acesso em 24 de julho de 2021

Na vaquejada encontramos o aboio em dois momentos: primeiro na hora de “tocar” o boi para que o mesmo siga o rumo desejado e, posteriormente na comemoração da derrubada da rês dentro da faixa. Buscando identificar a aplicabilidade do que chamamos de aboio de entretenimento ou de lazer dos vaqueiros da região do Iguape, encontramos o referido canto na corrida de Argolinha. A competição acontece entre duas equipes sendo que as corridas são executadas em dupla, na qual, vence a equipe que mais acumular as argolas. Sendo o aboio presente na comemoração da equipe vencedora.

Em todos os eventos sociais, esportivos ou culturais destaca -se a presença do aboio. Notamos aqui, uma ressignificação do aboio, que deixa de ser apenas ferramenta de trabalho e elo entre o gado e o vaqueiro passando a funcionar como objeto de integração social nas festas religiosas. É o que denominamos aboio de entretenimento. O canto nessas ocasiões festivas ocorre após as celebrações, apartado do sagrado, na área externa da igreja, geralmente nos bares, nos eventos esportivos. É possível que por essa razão, Maria Laura de Albuquerque Mauricio (2006), defende que o aboio não é só um instrumento de trabalho, mas também um entretenimento, inclusive com festivais próprios, nos quais a figura feminina também se faz presente cantando e compondo letras de aboio.

Além disso, a autora concebe o aboio diferentemente de Mario de Andrade em sua obra: *As Melodias do Boiem* (1987, p. 54), pois aponta uma evolução do canto, já que este, em sua perspectiva, surge com letras e em estrofes. A inspiração para a composição das letras do aboio são as memórias dos vaqueiros forjadas em suas vivências cotidianas. São lembranças cristalizadas no decorrer dos tempos, acondicionadas à vida social e cultural de cada sujeito. Do mesmo modo, João Marcelo Melo e Rita Maria Costa⁴ no livro *Frente Cultural: experiências socioculturais no ambiente do semiárido brasileiro* (2003) define o aboio como uma melodia triste, comovente com “nota de solidão” carregada de tristeza, que remete a uma saudade. Na perspectiva dos autores trata-se de uma cantiga de solidão que chega a ser confortante. O aboio é um canto à capela e acompanha o vaqueiro onde quer que ele vá, desta forma podemos dizer que onde existe gado e vaqueiro o aboio está presente. Assim sendo podemos notar uma diversidade de formas e usos do aboio.

⁴ MELO, João Marcelo e COSTA, Rita Maria. *Frente Cultural: experiências socioculturais no ambiente do semi-árido brasileiro*/Fundação Quinteto Violado. Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural/NEAD; Recife: Fundação Quinteto Violado, 2003. 60p. – (Debates e Ação, v5).

3. A voz dos vaqueiros de Iguape.

Apesar de todos os narradores residirem e trabalharem no Município de Boa Vista do Tupim ao qual pertence o povoado de Iguape, o senhor Geovazio Conceição Bispo, nos asseverou que nasceu no povoado Belo Horizonte localizado no município de Boa Vista do Tupim Bahia, já o Sr. José nos surpreendeu ao informar que o seu local de nascimento é o distrito do Paraíso em Ruy Barbosa, logo, fora do território ao qual pertence Iguape. O Sr. João também especifica sua naturalidade de nascimento ser o Município de Baixa Grande, somente o vaqueiro Hernandes é natural da sede do Município de Boa Vista do Tupim. Podemos observar assim, que 50% dos nossos entrevistados têm sua origem em outros municípios da região, indicando que a fixação no Iguape, pode ser resultante da oportunidade do emprego.

É interessante notarmos a respeito do tempo de serviço de cada um deles, e em que idade iniciaram na lida com o gado. O senhor Geovazio garantiu que começou com 15 anos de idade trabalhando como ajudante, perfazendo assim, 45 anos de sua experiência como vaqueiro e o senhor José começou com 12 anos de idade e tem 56 anos na atividade. Embora aposentado, o senhor José nos garante que ainda presta alguma ajuda aos companheiros quando solicitado. João Barbosa da Silva, nosso narrador mais experiente, não soube precisar a idade com que iniciou as atividades como vaqueiro, mas avaliou que era muito novo e que está na lida entorno de 50 anos. Dos quatro protagonistas desta pesquisa, o vaqueiro mais jovem é o senhor Hernandes... que tem 18 anos na labuta com o gado, e deu início a suas atividades com 11 anos quando já estava na lida como ajudante.

Esses dados nos instigam a saber sobre os significados de ser vaqueiro, o que os nossos narradores trazem, qual sua perspectiva a respeito do que é ser vaqueiro:

É cuidar dos bichos direito, se está doente a gente dar um remédio, além de eu ser vaqueiro ainda tenho que ser veterinário, para ser vaqueiro tem que saber lidar com os animais senão não precisa nem se aventurar a ser um profissional do campo. (Geovazio Bispo, 2021),

É coisa boa, a gente está mexendo com os bichinhos no mato inocente, a gente não passa raiva com eles, a gente para no meio do mato conversando com animais, é tudo que eu gosto e, eles me entende é a mesma coisa que estou conversando com gente,

eles param e fica olhando para mim entendendo tudo. E isso me faz feliz é um prazer enorme. (José Oliveira, 2021),

É o cabra botar pra frente, trabalhar bem, gostar né e ai vai trabalhando quando pensar que não é vaqueiro de formidade, é a gente saber labutar com a rês no campo para o rebanho do patrão crescer, né isso? (João Da Silva, 2021)

Ser vaqueiro é uma coisa muito importante, já estou na lida há alguns anos e gosto da labuta com o gado, gosto de correr gado no pasto, ser vaqueiro é ter respeito do povo é o que aprendi na vida. (Hernandes Bispo, 2021).

Observamos através das narrativas supracitadas que para trabalhar na lida com o gado se faz necessário disposição para o trabalho pesado, entender do trato com os animais, responsabilidade, estar disposto a ser subordinado aos patrões. Na visão dos narradores a profissão além de prazerosa, traz destaque social, já que a relatam como “uma coisa importante”. Todavia observamos que os nossos vaqueiros não têm consciência de serem os guardiões do patrimônio imaterial que são as letras e as melodias do aboio do povoado do Iguape. Dentre os diversos aspectos sociais levantadas durante a pesquisa, os vaqueiros fizeram questão de falar um pouco da relação vaqueiro/sociedade e vaqueiro/fazendeiro relatando do seu ponto de vista a forma como eles eram representados.

É importante e as pessoas viam como uma profissão importante e ver até hoje. Os patrões eram muito respeitosos, eles entendiam minhas dificuldades, assim como entendem até hoje, porque eles viam que eu trabalhava certo e aí nunca reclamava não, porque trabalhava tudo certinho, tomava conta e dava conta do serviço. (Bispo, 2021)

Uns via e outros não, porque uns ver que vaqueiro pontou de longe eles falam está vindo um vaqueiro e um homem se vir dois, se um não for vaqueiro, quer dizer o vaqueiro nessa parte para muitos é mais que um simples homem. Entendia tudo, era no respeito. (José Alvino, 2021)

É verdade que é, eles viam, eles gostam muito, com certeza. Entendia tudo na vida o que queria comigo e eu também queria com eles também viu. (João Da Silva, 2021)

Tem respeito sim, me trata bem e mostra confiança, o povo aqui do Iguape também acredita muito nos vaqueiros, acho que é pelo

comportamento da gente, a gente é sempre positivo quando fala cumpri. (Hernandes Bispo,2021).

Os vaqueiros trouxeram em seus relatos, alguns elementos de seu relacionamento com os donos das fazendas de gado, onde garantiram que havia um respeito mútuo e uma confiança ímpar dos patrões para com eles, complementaram afirmando que toda a sociedade local vê sua profissão com admiração e respeito. Observando as explanações dos protagonistas desta pesquisa, compreendemos que para a região a atividade de vaqueiro realmente tem um destaque social, que apesar de não garantir uma qualidade de vida de padrão elevado, garante o sustento da família e o respeito da população do povoado. Em outro ponto de vista os vaqueiros aqui mencionados desconhecem a sua importância para a preservação da cultura e dos costumes, principalmente na preservação do aboio por eles produzidos na localidade do Iguape.

Na lida com o gado a ferramenta de trabalho vocálica dos vaqueiros é o aboio. O vaqueiro Geovazio Bispo entende que o aboio, é “o jeito de falar com o gado”. Seu colega de profissão o senhor José Oliveira descreve o aboio como “é a fala que o gado ouve”, já o senhor João Cigano refletiu: “agora você me pegou! Nunca pensei nisso. Eu só sei que eu aboio e o gado obedece”. Hernandes Bispo seguiu a mesma linha dos demais, garantindo que “é uma maneira dele falar com o gado”. Os Narradores deixaram evidente que o gado entende os seus aboios, tanto que existe uma forma de aboiar para chamar o gado e uma outra maneira de emitir o “canto melódico” descrito por Câmara Cascudo (1985). O senhor Hernandes vaqueiro caprichoso nos seus aboios nos conta que,

Isso aí depende do jeito que a gente fala, aí o gado entende se ele está dentro do curral e a gente aboia, ele já sabe que é para ele sair, muda pouca coisa. (Hernandes Bispo, 2021).

Já o senhor José conhecedor do seu gado acrescenta,

O meu gado já me conhece sabe o que quero. Para outro aboiar vai precisar de um tempo, só assim eles vão obedecer às ordens e aceitar o aboio de outro vaqueiro. (José Alvino, 2021)

João o vaqueiro da fazenda Eldorada, acrescenta um aspecto a respeito das vacas de leite,

As vacas leiteiras para se labutar com elas, o vaqueiro tem que saber o nome delas, se não fica difícil elas obedecer, a vaca de leite é diferente das outras reses é um bicho mais manso, acostumado com gente, e seu vaqueiro e sabe seu nome. (João Silva, 2021).

Nesse sentido, Geovazio mostrando sua experiência e conhecimento sobre a lida com o gado conclui,

É uma forma de dizer ao gado o que o vaqueiro quer que ele faça é o jeito de dar ordem ao gado, da maneira que você aboia e do lugar que ele está ele entende se é para sair ou se chegar, são os bichos inteligente. (Geovazio Bispo, 2021).

Observamos nas falas acima que o aboio, esta ferramenta de trabalho, é entendida pelo gado como um direcionamento e a entonação utilizada pelo vaqueiro ajuda a transmitir o desejo do mesmo: se é para o gado mudar seu percurso, entrar no curral ou se dirigir ao pasto. Todavia, tudo isso está entrelaçado com o cotidiano da lida do vaqueiro com os seus animais. Os homens que lidam com o gado narram a respeito de como aprenderam a aboiar, afirmando que aprenderam na “labuta”, ouvindo e copiando os vaqueiros mais experientes, pois sem o aboio “fica difícil a lida com a rês” (Hernandes Bispo, 2021). O aboiador José Oliveira nos diz que aprender o aboio e sua aplicabilidade é uma questão de observação e prática.

O aboio, segundo os vaqueiros em questão, é utilizado somente na lida com o gado. Entretanto nos interessa saber sobre os aboios que estes vaqueiros cantam quando terminam as tarefas do dia, e quando estão nas festas com os amigos, uma vez que na nossa perspectiva os citados aboios fazem parte do patrimônio histórico da localidade do Iguape, logo são objetos da cultura imaterial local e estão guardados apenas nas memórias dos narradores, justificando desta forma a importância em pesquisar este fenômeno e contribuir para a sua preservação, como veremos a seguir.

4. O Aboio de Entretenimento em Iguape

Em nossas observações em festejos no Iguape, identificamos o aboio de entretenimento, este canto se mostra apartado do elo de comunicação entre vaqueiro/gado pois traz a ludicidade do cotidiano do vaqueiro fazendo a integração

vaqueiro/sociedade. Geovazio aboiador que gosta de cantar vantagens em seus aboios refletiu com certa surpresa,

Ahhh...agora entendi, é um aboio, mas é um aboio diferente nessas cantigas a gente fala das coisas da vida, da labuta, dos bois, rrsrs, das namoradas antigas, e brinca com colegas, esses vaqueiros meia boca. (Geovazio Bispo, 2021)

João Cigano que expressa os seus amores perdidos nas suas letras de aboio, relata:

Nunca ideie nessas cantigas como aboio, mas você tem razão é aboio também. Um aboio que não é para o gado, é para brincar, raparigar, falar das coisas da mocidade. (João Cigano, 2021).

Hernandes aboiador que gosta de improvisar nas letras dos seus aboios, nos diz:

Aí é diferente! Mas é aboio sim, a gente faz as coisas tão acostumado que nem imagina, mas aí a gente aboia pra se divertir, pra ficar longe dos aperreios, e contar vantagem. (Hernandes Bispo, 2021)

O fato dos narradores, após a nossa provocação, reconhecerem o canto a capela utilizado nos entretenimentos como aboio, denota a concentração na sua atividade profissional e o desconhecimento da riqueza e a importância cultural do dito aboio de entretenimento, uma vez que este aboio com letras considerado por eles apenas como brincadeiras e formas prazerosas de narrar acontecimentos, na verdade são relatos históricos do cotidiano de um povo, de um lugar e de uma profissão que visivelmente passa por transformações.

Observando o cotidiano dos vaqueiros, nos chamou a atenção, que em seus entretenimentos e festejos, nos momentos de descontração, nos encontros de bares, nos dias de feira os aboios entoados cantam relatos de aventuras e fazem pelerias com a “Vaqueirama”⁵ que difere bastante dos aboios no cotidiano da lida com o gado. Geovazio que gosta de se vangloriar diante de seus pares, compartilha conosco a seguinte reflexão:

Isso se a sucede quando a gente se junta e tomas umas. Cachaça serve para deixar a gente mais brincalhão, daí sai as cantigas de aboio, mas é tudo brincadeira. (Geovazio Bispo,2021)

⁵ Segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa "vaqueirama" é reunião de vaqueiros, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/vaqueirama> [consultado em 10-10-2021].

E João Barbosa da Silva,

Ahh, a gente fica na roça a semana inteira quando encontra a vaqueirama aí da vontade de brincar com os amigos, tomar umas cachaças e lembrar das coisas boas lá do passado. (João da Silva, 2021)

Como já foi dito anteriormente e apontado por diversos autores como Camara Cascudo (1985) e Mário de Andrade (1987), a lida com o gado, a administração das fazendas e a representação do patrão junto a sociedade é um trabalho de relevante importância e de causas de “aperreios”⁶, desta forma notamos que estes encontros sociais servem como válvula de escape para aliviar a tensão que a responsabilidade do trabalho impõe. Por esse motivo, nos parece relevante compreender o uso do aboio com letra nesses momentos de diversão.

Que é o jeito de brincar com os amigos e também de contar uma vantagenzinha em cima dos companheiros, mas [...] tem muito vaqueiro meia boca que na hora de aboiar vira vaqueiro bom. (Bispo, 2021)

Nesses aboios os romances e aventuras amorosas se fazem presente,

As minhas cantigas de aboio vêm das lembranças da minha juventude principalmente quando recordo das namoradas que tive foi um tempo bom demais rrsrs. (João da Silva, 2021)

Os laços de amizade também se destacam nos momentos de diversão social,

Eu aboio lembrando da juventude quando eu bebia e me juntava com meus amigos de campo, corria atrás de boi, fugia pra namorar e umas coisinhas a mais. (José Oliveira, 2021)

E o improviso se faz presente, pois existe aquele vaqueiro que não gosta do aboio com letras muito elaboradas,

⁶ Segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa disponível "aperreio" é Aquilo que causa aborrecimento.em: <https://dicionario.priberam.org/vaqueirama> [consultado em 10-10-2021].

Gosto de fazer o repente, de aboiar falando o que vem na cabeça na hora, da saudade de quando eu era solteiro, lembrando das namoradas. Não sou como esses aboiador que fica em casa escrevendo as cantigas, falo o que vem na hora. (Hernandes Bispo, 2021)

Percebemos então, que as inspirações para a composições das letras dos aboios de lazer surgem realmente das vivências dos vaqueiros. Alguns aboios são mais trabalhados e elaborados com rimas e tempo de preparação, já outros preferem o improvisado. Um aspecto importante que vale ser ressaltado é que todos querem se vangloriar de alguma forma, seja relatando o seu cotidiano, deixando brotar o seu conhecimento sobre o gado, sua lida nas fazendas, sua relação com seus animais de trabalho, o cavalo e o cachorro, seus encontros e desencontros amorosos, as vezes deixando transparecer o machismo quando representa de forma pejorativa a mulher em suas narrativas. Este tipo de canto ou aboio nunca é usada na lida, uma vez que seu objetivo dista da labuta, o que sequer ao utilizá-lo é a diversão, a descontração e a interação social.

Existe outro aspecto que chama a nossa atenção que é a invisibilidade da família, e do seu patrimônio pois notamos que esses temas não aparecem nas letras dos aboios do Iguape, sejam elas elaboradas ou de improvisos, como iremos observar a seguir.

5. Letras dos Aboios dos Vaqueiros do Iguape

Há características marcantes da prática de vaquejar. Do que fala o aboio dos vaqueiros do Iguape? Qual a origem desses aboios? Quais as mudanças ocorreram no percurso da evolução do aboio até os dias atuais?

A forma de aboiar foi modificada com o tempo, assim como as tropas que viajavam conduzindo os rebanhos entre fazendas e locais de abates conhecidos atualmente como frigoríficos, desapareceram ao longo do século XX, sendo substituída pelos caminhões boiadeiros e os aboios de hoje se tornaram textos mais elaborados que não apenas se comunicam com os animais pastoreados, mas fala do vaqueiro e de sua vida. Tentaremos perceber esses aspectos a partir da transcrição da oralidade dos aboios cantados pelos protagonistas desta pesquisa, destacando elementos que possam colaborar nesta interpretação.

Êêêêêêêê,
Gado, guiar
Guiaaaaaaaaar, ôôôôôôôô
Vaquinha nega
Êêêêêêêê guiaaar guiaaar
Vai embora pru canto de vocês. (Oliveira, 2021)

O aboio, acima, é entoado pelo Sr. José Alvino de Oliveira, conhecido por Zé vaqueiro, no início da sua jornada diária de trabalho, por volta da cinco e meia da manhã, logo após a retirada do leite. Um aboio curto, quase sem letra, chamando o gado para sair do curral, com destino ao pasto. Um canto sem nenhum relato de vida, porém com uma mensagem direta para o gado. Este é um exemplo de aboio primitivo utilizados somente para a lida do vaqueiro.

E agora me deu saudade
Saudade do meu sertão
Trabaio de dia anoite no meu cavalo alazão
De esporte de vaqueiro meu parapeito gibão,
Rêêêêêêêê...
De esporte de vaqueiro
Meu parapeito e gibão
Coisa que eu acho bonito
Uma corrida de morão
E um amor bandoleiro
Que me deixou sem razão
Êêêêêêêê...
Foi um amor bandoleiro
Que me deixou sem razão,
O meu destino pediu
Foi destinar meu gibão
Eu acabo a minha vida
Na corrida de morão. (Silva, 2021)

O aboio apresentado é de autoria do Sr. João Barbosa da Silva conhecido como João cigano. Algumas de suas entoadas trazem narrativas de desencontros amorosos, inclusive o aboiador tinha duas esposas na região, sendo que uma residia no povoado e a outra na zona rural, por isso notamos o destaque que este senhor dá ao relacionamento amoroso perdido, nas letras dos seus aboios. Verificamos que na narrativa não foi encontrada a valorização da família e da esposa que sendo as nossas observações é companheira constante na vida do aboiador

No aboio acima diz respeito as experiências de vida do vaqueiro de Iguape. Identificamos nas estrofes o desalento do vaqueiro por causa de um amor perdido, e a

sua dedicação ao esporte que é a *corrida de mourão*⁷ que faz parte da vaquejada, destacando o uso de suas vestes e o seu companheiro de trabalho que é o animal de montaria. Este tipo de canto é utilizado em momentos de lazer, todavia, observamos tais aboios sendo cantados ao entardecer no final da lida, ou seja, em um momento que o vaqueiro sente que pode relaxar, entendendo que sua tarefa do dia foi cumprida.

Êêêêêêêêêê
Boiada êhaaa
Quem quiser vaca leiteira
Puxe na ponta da raaaaaama,
Quem quiser mulher bonita
Vá lá no mei da semana,
Que do sabo pa domingo
Toda raposa é bacana
“Êêêêêêêêêêaa. (Silva, 2021)

Neste aboio do mesmo aboiador, notamos o tom jocoso com relação as mulheres, já que faz analogia entre a raposa e as mulheres, ao mesmo tempo revela vivências sociais apresentando conselhos a respeito da escolha da companheira com quem se pretende manter um relacionamento afetivo, evitando assim as artimanhas femininas, trazendo também uma mensagem de trabalho e experiência de vida. Pois quando o vaqueiro se refere a “ponta da rama”, ele quer nos mostrar que para a vaca ser uma boa produtora de leite ela precisa de um bom pasto, entendo “ponta da rama” como um capim novo. O mesmo vaqueiro, João Cigano nos brinda com uma pérola da cultura local, uma letra de aboio que narra suas vivências como vaqueiro experiente e viajado. Este repente da introdução a outro aboio, que mantêm como tema os conselhos de vida e o olhar irônico sobre a mulher.

No tempo que eu era mais novo
Dava carreira em gado,
Montando em ferreirinha em mata fechada nunca topei touro brabo
Pra num ser marrado
Eu tinha boa fama de bom vaqueiro
João Cigano afamado,
Trabaiei no sertão estado de minas,
Trabaiei em Baixa Grande, “Rio Barbosa”,
Esse mundo todo já trabaiei de vaqueiro,
Mudei aqui pru Iguape
Trabaiando de vaqueiro e nunca topei boi infusado

⁷ As "corridas de mourão" de acordo com os relatos dos atores sociais por nós observados: trata-se da pega de boi, porem em um espaço livre dos arbusto da caatinga, geralmente os chamados pátios das fazendas.

notando-se o uso constante de vogais, êêêêêêêêêê e expressões que remete ao gado como “boêêêêboi”, a exemplo do aboio acima do vaqueiro José Oliveira, este tipo de aboio considerado por nós como primitivo, é usado pelo vaqueiro no seu cotidiano de trabalho, ou seja, serve para conduzir o gado como se fosse um diálogo entre marrueiro e animais, sendo que o homem vem mostrar ao gado quem o conduz e quem deve obedecer. A segunda vertente, como exemplificado pelo aboio do senhor Hernandez também acima, traz melodia e letra, que narram experiências de vida, temas regionais, transmitindo uma mensagem, um conselho, mas tratando também do seu trabalho este é o aboio de entretenimento utilizado socialmente e apartado da labuta nas fazendas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos ao longo da pesquisa a importância sobre o aprendizado e o desenvolvimento sociocultural do povoado do Iguape que nos permitiu que fossem alcançados os objetivos, oportunizando a construção de um novo olhar sobre este canto representativo e de singular importância que é o aboio. Neste estudo foi possível observar aspectos relacionados a história do aboio na região do Iguape, identificando a influência deste canto nos espaços culturais e sociais, compreendendo que são fontes orais com suas particularidades, cumprindo o objetivo de nos transmitir e preservar a história. Cabe também ressaltar a importância da cultura para a formação da identidade cultural do vaqueiro. Percebemos que nos encontros sociais dos vaqueiros, através da ótica da cultura, há uma denotação de manifestação e preservação da tradição, reinventando as práticas culturais sertanejas, bem como proporcionando oportunidades para troca de experiências.

Neste artigo foram abordados pontos muito importantes e necessários para a construção do conhecimento a respeito do cotidiano do vaqueiro, trazendo à tona, informações para outros pesquisadores com intenção de aprofundar os estudos sobre a lida com o gado e suas ferramentas de trabalho, destacando uma melhor compreensão acerca do aboio de trabalho e de entretenimento. Desta forma, considera-se que este estudo atingiu os objetivos traçados, contribuindo para uma reflexão sobre o patrimônio imaterial do povoado do Iguape, ressaltando a importância da prática cultural que é o aboio despertando nos protagonistas sociais a necessidade de valorização deste canto junto aos demais membros da comunidade.

Portanto, é com esse espírito que colocamos o aboio no centro desta pesquisa, uma vez que ele constituiu cada etapa desta investigação, ampliando assim, nossa compreensão sobre seu significado como ferramenta de trabalho, elo social apaixonante, com contribuição inestimável para a formação cultural da região do Iguape.

8.REFERÊNCIAS

ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de história colonial: 1500 – 1800. Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil.** 2ª Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

ALBERTI, V. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. **História Oral**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2021. DOI: 10.51880/ho.v8i1.113. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/113>. Acesso em: 21 dez. 2021.

ALBERTI, V. (2000). *Indivíduo e biografia na história oral.* Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

ANDRADE, Mário de. *As melodias do boi e outras peças.* São Paulo: Duas Cidades, 1987.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e vaqueiros.* Salvador: centro Editorial e didático da UFBA,1989.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Vaqueiros e cantadores.* Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1985.

DIAS, Antônio Gonçalves. *Diccionario da Lingua Tupy chamada Lingua Geral dos Indigenas do Brazil.*Lipsia : F.A. Brockhaus, 1858.

FERRÃO, Euzalina da Silva. *Vaqueiros, compadres, criadores de gado e transformações nos campos do Marajó: relações sociais em mudança.* 2016. 236 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2016. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia.

GOMES, Thalles. *A IMAGEM CANTADA: ABOIO E CANTIGAS, DE HUMBERTO MAURO.* Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL – ISSN 1980-4504.

LOPES, Rodrigo Freitas. *Nos currais do matadouro público: o abastecimento de carne verde em Salvador no século XIX (1830-1873).* Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de filosofia e ciências humanas. Salvador, 2009.

MAURÍCIO, Maria Laura de Albuquerque. *ABOIO, o canto que encanta: uma experiência com a poesia popular cantada na escola.* João Pessoa, 2006. 96 p. Dissertação (Mestrado em Letras, área de concentração em linguagem e ensino). Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

MELO, João Marcelo e COSTA, Rita Maria. Frente Cultural: experiências socioculturais no ambiente do semi-árido brasileiro/Fundação Quinteto Violado. Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural/NEAD; Recife: Fundação Quinteto Violado, 2003. 60p. – (Debates e Ação, v5).

MENDES, Adriano Caçula. Aboio no sertão paraibano: um canto no trabalho, um trabalho no canto. 2015. 132. f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SANTOS, A. L. ; DINIZ, J. C. V. . Pela longa estrada eu vou, estrada eu sou - A Canção de aboio na cultura popular e na literatura roseana.. In: XX Seminário de Iniciação Científica da Puc-Rio, 2012, Rio de Janeiro. Anais do XX Seminário de Iniciação Científica da Puc-Rio, 2012.

SANTOS, Daniele Luciano. As sócio-espacialidades e ressignificações das cavalgadas - Itaporanga d'Ajuda/SE. 2018. 136 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão: 2018.

SILVA, Núbia da Cruz. Significados do Tratamento nutricional por Pacientes Diabéticos na Santa Casa de Misericórdia do Município de Serrinha, Bahia. Salvador/Bahia. Fevereiro de 2008.

SILVA, Maria Daiane da. A vaquejada e suas expressões culturais na cidade de Nazarezinho, Paraíba / Maria Daiane da Silva. - Cajazeiras, 2018.

SITES

A pega de boi é a forma tradicional de aparte do gado na caatinga (<https://www.filhosdaterra.org/post/2016/05/16/a-tradi%C3%A7%C3%A3o-da-pega-de-boi>). Acesso em 24 de julho de 2021

CHEMIN, Damien. Aboio e Toada. Sergipe: TV Araripe, 2009. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=C8V3-ZZYcpw> (Parte 1) e http://www.youtube.com/watch?v=x2uBcmV946Q&feature=results_video&playnext=1&list=PL4A89C5DFFF7F3F37 (Parte 2). Acesso em: 10/ de março 2021.

FARIA, Eloísa Maria de. Estudo da vaquejada inserida no contexto do sertanejo rural: o vaqueiro. Dissertação de Mestrado (Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - Departamento de História), Natal, 1993. Disponível em: <http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/bitstream/123456789/202/1/ESTUDO%20DA%20VAQVAQUEJ%20INSERIDA%20NO%20CONTEXTO%20DO%20SERTANEJO%20RURAL%20VAQUEIRO.pdf>.

Site de Boa Vista Do Tupim: <https://www.boavistadotupim.ba.gov.br/>

Vaqueiros a luta e lei. Copyright 2016. LEIAJÁ. <<http://especiais.leiaja.com/vaqueiros/dna.php>>. Acesso em: 17/07/2021.